



Reagir, de Luciano Gallet, e seus desdobramentos na imprensa carioca de março a junho de 1930

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Marcelo Alves Brum

Universidade de São Paulo – mabmail2@gmail.com

Resumo: Em março de 1930 Luciano Gallet publicou no jornal *O Globo* e na revista *Weco* o artigo intitulado *Reagir*, onde, partindo da consideração de que a música no Brasil passava por um período de “mal-estar”, apresentava o que pensava da situação, suas causas, hipóteses e meios de reação. Este trabalho trata deste texto de Gallet e seus desdobramentos na imprensa carioca dos meses seguintes, relacionando-o com a situação sócio-política de então e as ações pró-música que se deram ainda no decorrer daquele ano e culminaram no projeto de reforma do ensino do Instituto Nacional de Música; a educação musical seria a saída para os problemas levantados.

Palavras-chave: Luciano Gallet. *Weco*. *Reagir*.

Title of the Paper in English: *Reagir*, Luciano Gallet’s Article, and its Consequences in the Rio de Janeiro Press from March to June 1930

Abstract: In March 1930 Luciano Gallet published in the newspaper *O Globo* and *Weco* magazine an article entitled *Reagir*, where, based on the consideration that music in Brazil was going through a period of "malaise" presented what he thought of the situation, their causes, hypothesis and reaction media. This work deals with this Gallet’s text and its consequences in the Rio de Janeiro press the following months, linking it with the socio-political situation and the pro-music actions that still gave the course of that year and culminated in the National Institute of Music education refurbishment project; music education would be the way out of the problems raised.

Keywords: Luciano Gallet. *Weco*. *Reagir*.

A personalidade multifacetada de Luciano Gallet permitiu sua participação em diversas instâncias no pensamento, produção e veiculação musical brasileira no período compreendido entre meados da década de 1910 e o princípio da década de 1930. Para além de suas atividades de composição, docência e prática como pianista podemos citar seu envolvimento com fundação, estruturação, organização, direção ou manutenção de instituições como a Sociedade Glauco Velásquez, Festival de Música Característica Brasileira, Sociedade Pró-Arte, Club Bandeirantes (Comissão das Artes Brasileiras), Instituto Nacional de Música, revista *Weco*, Associação Brasileira de Música, Associação dos Artistas Brasileiros, e mesmo memórias para o congresso Internacional de Artes Populares de Praga, atividades de Crítica Musical, entrevistas sobre música brasileira e jazz, apreciação de obras de Mário de Andrade, projetos de gravação para a RCA Victor e publicações sobre folclore nacional. Sua preocupação com os caminhos do pensamento e prática da música brasileira estiveram aparentes na quase totalidade destas ações, e um de seus principais escritos sobre esta questão é um artigo intitulado *Reagir*.

1. *Reagir* – a campanha para a boa música

Em 22 de março de 1930 o jornal *O Globo* publicou um artigo de Luciano Gallet intitulado *Reagir*. No mesmo mês a revista *Weco*¹ reproduziu o texto, colaborando com a difusão dos posicionamentos do autor a respeito da situação musical de então. Nele Gallet explicitava que a música passava por um período de “mal-estar”, nitidamente traduzido pelo

(...) comércio de música [que] está se debatendo nas garras da crise. Não vende mais pianos; a saída da música séria é fraquíssima e por isso atiraram-se ao disco e à música de dança. Esta, já não dá mais nada, e o disco cai dia-a-dia depois que a prefeitura impediu a propaganda de porta-de-rua. A impressão que se tem é que daqui a pouco a música vai acabar (...)² (GALLET, 1930: 3)

Comentando esta situação, reclamava não haver no Rio de Janeiro sociedades de música (coral, de câmara, de compositores) – com exceção à Sociedade de Música Sinfônica, mas que esta, em suas palavras, “não atrasava mas também não adiantava” –, nem teatros de ópera nem de opereta e sequer conferências sobre o assunto; a causa deste desequilíbrio seria uma desatenção para com esta arte, situação que vinha se agravando nos últimos três anos (portanto, entre 1927 e 1929) e cujos responsáveis eram as Rádio-Sociedades, os discos e a falta de orientação do público consumidor.

Sobre as Rádio-Sociedades, Gallet as acusava como “principais causadoras e primeiras responsáveis pela atual degradingolada musical”, já que entravam pelas portas de todo o Brasil e espalhavam música ruim sem bons critérios de seleção. Entendia que em todas as “qualidades” de música, “do samba do maestro-de-assoio até a música mais elevada” havia do bom ao péssimo, mas que era preciso saber escolher – o que não se fazia. Criticava os programas de discos (cujos diretores artísticos, visando lucro, ocupavam-se dos negócios em detrimento da arte), os programas de executantes (onde sequer haviam diretores para selecionar repertório e o que se veiculava era o que representava o gosto do público – três ou quatro rádio-amadores que, pelo telefone, solicitavam as audições, geralmente de mau gosto) – e os “programas de música séria”, que eram ainda mais prejudiciais: grandes obras sinfônicas (como a abertura de *Tanhauser*, de Wagner, ou seleções de *Tosca*, de Verdi), que eram ridícula e desastrosamente executadas por “orquestras” formadas, em “boa hipótese”, por piano, violino, clarinete, trombone e bateria.

Com respeito aos Discos, Gallet apontava que o interesse dos editores estava voltado para os sucessos imediatistas de venda garantida (sambas), mesmo que isso representasse a inutilização da matriz logo depois de lançado novo sucesso. Não lhes passava pela atenção o argumento de que procurando “elevar e apurar o gosto do consumidor” teriam

possibilidades de venda continuada de um mesmo produto e conseqüente valorização de seus estoques.

Quanto à falta de orientação do público consumidor, pensava que o gosto geral deveria ser conduzido, amparado e desenvolvido. Em suas palavras, não haveria mau gosto, mas, sim, má orientação. Como o teatro, as escolas e os concertos não faziam nada em questões de arte-educação, ao público só restava aceitar o que lhe servissem – e como este público nunca soube o que significam música de câmara, sinfonias de Beethoven ou música moderna, seria um absurdo cobrar-lhes a percepção ou o consumo deste repertório.

Logo após apresentar o que entendia por problema e indicar suas principais causas Gallet conjecturava que pudesse haver pensamentos distintos dos seus, que considerariam que o que escrevia era fictício. Então, lista três hipóteses para a “queda do gosto musical”: 1) crise financeira; 2) crise por falta de educação; 3) crise real – “abaixamento do nível intelectual”. Continua, posicionando-se que se o problema tivesse sido gerado por uma crise financeira – o que justificaria a falta de movimento comercial – seria passageiro; se fosse por uma inequívoca diminuição do nível intelectual da população não teria solução (e que o melhor seria tratar de outro ofício, como abrir um botequim ou plantar bananas – ambas atividades mais compensadoras)³; mas, se fosse um problema na Educação, o que se haveria de fazer era *Reagir*.

Como meios de reação convoca ações: 1) **entre editores, fábricas de disco e rádio-sociedades**, que deveriam entrar em acordo de modo a criar uma rede de subsistência aplicada ao desenvolvimento da boa música, promover conferências de educação artístico-popular para dar ao público subsídios de elevação cultural, confiar a direção-artística de cada sociedade a um artista que tivesse consciência de sua responsabilidade e ainda formar um círculo que garantisse o movimento comercial; 2) **das escolas** (desde as primárias) e **das fundações corais**, que deveriam se preocupar com o desenvolvimento do gosto pela música coletiva⁴; 3) **das bandas-de-música**, sejam do Exército, Marinha ou Polícia, que também deveriam ter a função de educar o gosto do público e não servir somente para a diversão deste; 4) **das autoridades municipais**, no sentido de flexionar a cobrança de impostos à prática artística⁵; 5) **dos governos em geral**, que deveriam se convencer do seu dever de zelar pela conservação da arte – era inconcebível que o governo brasileiro quisesse converter a música em fonte de renda se em todas as outras partes do mundo os teatros e concertos de toda espécie eram subvencionados pelo estado.

O artigo é encerrado com a citação de que a organização musical norte-americana seria formidável em todos os sentidos, e que não haveria arrependimentos se o Brasil seguisse aquele exemplo⁶.

2. Reações: posicionamentos convergentes com *Reagir*

O artigo de Luciano Gallet, se não despertou ações imediatas segundo tudo o que propunha, chamou a atenção de personalidades do meio musical carioca de então, e algumas dessas reações puderam ser verificadas via imprensa local nos meses que seguiram. Em abril, maio e junho de 1930 a mesma revista *Weco* trouxe artigos constatando que o “apelo pró boa música” produziu uma movimentação inesperada; transcreveu trechos de algumas outras publicações com posicionamentos simpáticos às preocupações de Gallet – o que chamou de “reflexos imediatos de reação e respostas ao apelo de nosso Diretor” – e destacou que todos

(...) estão de acordo sobre um ponto: é necessária uma reação enérgica que impeça a continuação do mal estar presente, que só nos poderia levar à derrocada artística e inferioridade intelectual (...) Neste momento, paira no ar uma disposição geral de movimento e impulso organizador. As forças se concentram, e temos certeza que breve organizadas e orientadas, elas atacam o alvo, e se manifestarão em atividade benéfica. (GALLET, 1930: 03)

O apelo de Gallet teria tido ainda mais algum resultado imediato: algumas Sociedade de Rádio tiveram “surto verdadeiramente animadores” com alguns programas que veicularam “música que já se podia ouvir”. (Idem; Ibidem)

Tapajós Gomes, em dois artigos para a revista *Para Todos* (08 e 29/03/1930), censurou a má orientação do comércio de discos (desenvolvido com o apoio das sociedades de rádio) e alertou para o fato de os reclames comerciais de anúncios serem contraproducentes às questões culturais devido ao pouco interesse pelo Rádio.

João Nunes publicou no *Diário Carioca* de 30 de março de 1930 um texto onde analisava as causas da cultura decadente do momento, atribuindo à crise econômica da classe média e ao mau gosto da classe alta as razões do “atraso musical brasileiro” Questionava, ainda, a concepção que os poderes públicos tem de Arte, já que subvencionavam cordões carnavalescos e impunham impostos “proibitivos” sobre os concertos.

Luiz Heitor Corrêa de Azevedo toma as palavras e o título *Reagir* de Gallet para um artigo publicado no periódico *A Ordem* em 08 de abril de 1930. Convoca a população a reagir “com vontade, fé e sinceridade”, cada um em seu terreno, a fim da aquisição de

formação cultural brasileira. Em suas palavras: “Leitor. Não negues o teu apoio e o teu entusiasmo aos que vão trabalhar pela sagrada causa da arte em nossa terra!”.

Octavio Bevilacqua, então crítico do jornal *O Globo*, escreveu uma carta ao diretor da revista *Weco* (Luciano Gallet) compactuando com a ideia de que o estudo de música deveria começar na escola primária, onde os alunos deveriam aprender noções elementares e o amor pela música; segundo ele, o que então se fazia nas escolas era o contrário disso: um desserviço que deturpava o gosto das crianças.

Oscar Lorenzo Fernández solidarizou-se a Gallet ao compactuar com o posicionamento de que o “gosto brasileiro está em perversão” causada pela falta de cultura, e que a maior “chaga” do Brasil reside na educação. Traz que as elites, cuja função deveria ser educativa, estão desorientadas, causando uma “confusão de valores”. Fernández também adere ao *slogam* “Reagir!” ao convocar autores, professores, editores de música e discos e sociedades de rádio ou música para trabalharem a um fim comum, o de “elevar o nível da cultura artística” brasileira.

Renato de Almeida, no periódico *Movimento Brasileiro* de abril de 1930, transcreveu os principais tópicos sobre as questões levantadas por Luciano Gallet e ainda lembrou de outras causas da decadência da música brasileira que também considerava importantes. Concorda com a necessidade de uma reação contra essas questões e indica que todos os meios para orientar e educar musicalmente o povo devem ser procurados com empenho. Sobre a música popular, lamenta que o que inicialmente se procurava como meio de educação e inspiração, teria provocado uma “tempestade de música inferior”.

Mário de Andrade escreveu uma carta a Gallet onde observava:

A entrevista sobre o estado atual da economia musical do Brasil e especialmente no Rio de Janeiro, é feita de considerações justíssimas. (...) Uma campanha de elevação de cultura sempre fiz e estaremos de mãos dadas no que se fizer e você organizar.⁷

Giuseppe Giacompol, então diretor da Casa Ricordi em São Paulo, em entrevista para *Discos e Músicas*, interpõe que para elevar e melhorar o gosto pela música é, antes de tudo, necessário que se ouça boa música, bem executada e “a preços de cinema”. Fala na necessidade de conferências e do desenvolvimento do gosto pelas execuções sinfônicas e camerísticas, e ainda que as inovações que se vinham fazendo no teatro lírico deveriam ser conhecidas pelo grande público⁸.

Novamente Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, em um artigo para o periódico *A Ordem*, em 24 de abril de 1930, escreveu que a causa da ruína musical apontada por Gallet

tem origens na remota crise de educação que teria feito sentir seus efeitos em todos os campos da atividade nacional: política, letras, ciências, artes e no espírito associativo. Ainda, que a “posição humilhante” em que se encontrava o Rio de Janeiro “sem vida musical própria, sem público e sem cultura” seria graças “à carência absoluta de disciplina associativa das gerações de músicos brasileiros”.

Em junho de 1930 a revista *Weco* traz ainda a publicação de uma carta de Felix de Otero a Luciano Gallet, onde o comunicante registra seu “modesto, mas sincero apoio, nessa salutar iniciativa”, e refere-se à “música de discos” praticada por “uns pretensiosos e ignorantes musicantes” como uma “nefasta influência (...) com a qual se pretende educar o gosto musical do nosso grande público.” Explicita que não se pode mais tolerar a corrupção do senso estético do meio musical, e concorda com João Nunes (*Diário Carioca* de março de 1930) quanto à educação musical e à censura às prefeituras que tomam impostos sobre os concertos quando lhes competiria “auxiliar vantajosamente todas as manifestações de arte elevada”. Ainda nesta edição da revista *Weco* encontramos um texto de Renato de Almeida (sobre a deturpação da música popular) que por sua vez acaba aludindo ao artigo de Gallet quando trata da decadência do espírito musical e da invasão de uma música trivial e inferior. Almeida refere-se ao Instituto Nacional de Música como um centro dotado de facilidades para o desenvolvimento do gosto musical, mas deturpado pela burocratização e pela preocupação de formar professores, sem intenções artísticas mais elevadas.

3. Considerações

Em *Reagir* Luciano Gallet discorre sobre a problemática da crise da música gerada por uma série de fatores que percorrem um caminho de interesses comerciais, reprodução e divulgação de música de má qualidade e má ou inexistente atuação da direção artística dos agentes veiculadores da música (gravadoras e rádios), passando pela carência de sociedades musicais (ação conjunta do meio) e baixa assistência a concertos (e quaisquer apresentações de música de qualidade), culminando na degradação do que chama de gosto popular. Chegando ao que considera central no problema, sugere uma série de ações que, resumidas ao seu fim de atuação, buscariam conduzir, melhor orientar o gosto do público; aposta na educação musical e formação de público como a saída para a crise geral, a qual, nos textos acima descritos por vezes é tratada como “derrocada artística” causada e mantida por uma “inferioridade intelectual”.

Entendemos *Reagir* como mais um exemplo do empreendedorismo de Gallet visando à defesa da cultura nacional, uma manifestação em prol da elevação cultural musical

que encontrou apoio em significativos nomes que mantinham posicionamentos que vinham ao encontro dos de Gallet. A boa repercussão de *Reagir* pode ser mapeada em diversas manifestações públicas de simpatia, onde, além da convocatória de trabalho para elevar o nível cultural do Brasil eram recorrentes as ideias de que os interesses comerciais, a má atuação do poder público, a falta de “espírito associativo” dos músicos de então e o mau gosto da classe economicamente dominante (que teria um papel educativo e estaria sendo responsável em parte pelo “atraso da música brasileira”) eram o grande problema que somente seria sanado com uma política educacional orientada.

Interessante observarmos, ainda, que as discussões apontadas em *Reagir* se dão justamente no início da década de 1930 (época marcada por transformações político-administrativas e por um ambiente de renovação geral do país principalmente nos domínios da cultura e da educação – primeiro governo de Getúlio Vargas e criação do Ministério da Educação), e que dialogam sobremaneira com as veiculadas pela Associação Brasileira de Música, Associação dos Artistas Brasileiros e Comissão Central da Música Brasileira publicadas entre 1930 e 1931, além de com o Relatório da Comissão de Reforma do Instituto Nacional de Música. Isso reforça a ideia de que o anseio por uma de renovação no fazer e no ensino musical brasileiro de então (materializado na reforma do Instituto Nacional de Música dentro da Reforma do Ensino Superior) era comum a diversas músicos, intelectuais e pensadores da época, e não privilégio de Luciano Gallet, como diversas vezes supõe a literatura musicológica brasileira do século XX.

Referências:

- ALMEIDA, Renato de. A Traição da Música Popular. *Weco*. Rio de Janeiro, p. 7, edição de junho de 1930.
- BRUM, Marcelo Alves. *Luciano Gallet e a Reforma do Instituto Nacional de Música*. Rio de Janeiro, 2008 [271f.]. Dissertação de Mestrado em Música. Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. *Luciano Gallet e a Multiplicidade do Artista*. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa Pós-Graduação em Música - ANPPOM, (17.), 2007, São Paulo.
- BRUM, Marcelo Alves; SATO, Eduardo Tadafumi; TUMA, Said. *Em defesa de reformas musicais: Mário de Andrade e Luciano Gallet*. In Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPPOM, (24), 2014. São Paulo.
- _____. *Reagir*. *Weco*. Rio de Janeiro, p. 3-7, edição de março de 1930.
- _____. *Reagir*. A campanha para boa música. *Weco*. Rio de Janeiro, p. 3-5, edição de abril 1930
- _____. *Reagir*. *Weco*. Rio de Janeiro, p. 3-4, edição de maio de 1930.
- OTERO, Felix de. O Momento Musical. *Weco*. Rio de Janeiro, p.5, edição de junho de 1930.

¹ Periódico editado e publicado mensalmente pela Casa Carlos Wehrs e Cia entre 1928 e 1931, que se configurou como mais um espaço de debates de musicistas e musicólogos sobre a situação da música no Brasil daquele período. Ao lado da *Revista Musical*, *Brasil Musical* e *Ilustração Musical* representava a imprensa musical carioca de então.

² Neste ponto e logo a seguir (quando Gallet aborda uma “crise financeira”) nos ocorre pensar em reflexos da Crise de 1929 – Grande Depressão –, que em março daquele ano já estaria mostrando indícios da significativa recessão econômica mundial do século XX.

³ Apesar de considerar essa hipótese em meados de seu texto, ao final dele Gallet deixa clara sua posição de que não acredita nessa possibilidade – salvo se toda a reação que propunha fosse feita e resultasse ineficiente. Posiciona-se que a Arte era uma necessidade para muita gente e que se houvesse alguma crise, em suas palavras, que se soubesse encarar o perigo de frente e então aniquilá-lo.

⁴ Luciano Gallet considerava o Canto Coral como a base da formação musical, atividade que permitia conhecimentos práticos e teóricos de música além de ser de grande eficácia socializadora e musicalizadora.

⁵ Gallet cita o exemplo de que se para apresentar-se um artista-virtuoso tivesse que continuar pagando altos preços por uma sala de concerto, ainda com o agravante de impostos de Prefeitura, só lhe restaria uma opção: desistir do ofício.

⁶ Apesar da citação e afirmação, Gallet não discorre sobre como se dava esta organização.

⁷ Trecho de carta de Mário de Andrade a Luciano Gallet reproduzido na revista *Weco* de maio de 1930.

⁸ Não temos informações a respeito de inovações no teatro lírico daquela época que permitam explanação sobre o assunto. Contudo, sabemos da proposta de Luciano de Gallet de que os estudantes de canto que se destinassem à ópera se ocupassem de estudos de “representação dramática” e “canto teatral”.